

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG 22 Sociologia e Antropologia da Moral

**MORTE VIOLENTA NO TRÁFICO DE DROGAS:
os seus efeitos sobre a sociabilidade de uma comunidade**

Cristiane da Silva Diniz Procópio¹

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGS/UFMG).

MORTE VIOLENTA NO TRÁFICO DE DROGAS: os seus efeitos sobre a sociabilidade de uma comunidade

Resumo

Este trabalho tem como finalidade problematizar e discutir os limites morais de uma observação participante em contextos de proximidade. Tendo como alicerce o respeito aos indivíduos e grupos pesquisados, no qual, viver e habituar-se com os mundos analisados, tomar parte de suas dificuldades e tragédias, concebe um esforço para que o pesquisador não se atenha a ponderações do senso comum, nem a convencionalismos, rotulações, estigmas e preconceitos, observando situações em que ambiguidades e contradições são particularidades inescapáveis. Trata-se de um primeiro produto de minha dissertação de mestrado que tem por objetivo investigar quais são os efeitos da morte violenta de jovens, membros de gangues, no seio de suas famílias. O grupo em questão atua na região Nordeste da cidade de Belo Horizonte, mais precisamente no bairro Espera Feliz.² Tal grupo foi escolhido como objeto de estudo por uma questão de proximidade com o mesmo, uma vez que sou residente do local e possuo certa familiaridade com o grupo.

Palavras-Chaves: Observação Participante; Contexto de Proximidade; Limite Moral e Ético.

Introdução

Realizar pesquisas com grupos marginalizados ou imersos no “mundo do crime” se apresenta com inúmeros desafios antes mesmo de se colocar em prática a ideia a ser executada. Um dos primeiros desafios é a aproximação com o grupo escolhido, e para transpor tal dificuldade, é necessário que o pesquisador tenha um intermediário que “abra as portas” fazendo um tipo de ponte entre ele e os demais, esclarecendo algumas possíveis dúvidas ou questionamentos junto às pessoas da localidade escolhida.

Essa dificuldade pode ser facilmente superável quando o pesquisador já possui certa familiaridade com o grupo e/ou faz parte, de alguma maneira, do cotidiano do objeto de estudo escolhido. Contudo, essa proximidade não se apresenta apenas com

² Nome fictício.

vantagens, levantando questões importantes como, por exemplo: quais são os limites e possibilidades da pesquisa social em contextos de proximidade? Essa proximidade pode fazer com que a validade dos dados seja questionada? Ou ainda, a análise será feita com total imparcialidade? Principalmente em situações delicadas como é o caso da morte de jovens de maneira inesperada e violenta.

A literatura sobre mortes ocasionadas por e nos grupos jovens desviantes não possui um único posicionamento sobre a possibilidade de uso da morte como recurso de construção ou reforço da identidade. Para alguns, a prática do homicídio é inevitável por se constituir em mecanismo que estrutura o sistema de crenças, valores e atitudes do jovem que reside em áreas periféricas e, por conseguinte, dos coletivos que eles integram (MACHADO DA SILVA, 2008). Para outros, o homicídio apenas pode ocorrer em determinadas circunstâncias, já que os grupos desviantes possuem regras de solidariedade, que impedem o uso da morte violenta em todas as situações (LYRA, 2011). Rotineiramente, em casos de acerto de contas e/ou em tentativas de dominação de território alheio entre as gangues, a morte de infratores e pessoas inocentes, se torna inevitável, uma vez que, para impor sua vontade e resolver conflitos, os infratores recorrem ao uso da força física e de artefatos – disputa pelas “bocas de fumo” por meio do uso de armas de fogo.

Ratificando o que a literatura sobre o tema aponta, situações como disputas por pontos de drogas, tentativas de assassinato, acertos de conta e mortes violentas, são comuns em Espera Feliz, onde tais acontecimentos se tornaram eventos naturais para aqueles que residem ali, fazem parte do cotidiano dos moradores, e tal naturalidade levou-me a pensar: como analisar o que me é familiar, sem que, o fato de ser residente do local comprometa a validade dos meus dados? É notório que tal inquietação não é exclusivamente minha, sendo uma preocupação constante nas Ciências Sociais, principalmente em pesquisas que lançam mão da metodologia qualitativa e fazem uso de suas diversas ferramentas tais como observação participante, entrevista aberta, conversas informais, contato direto e pessoal com o universo investigado, dentre outras.

Será feita neste *paper* uma tentativa de compartilhar as reflexões sobre a observação participante em uma situação na qual a pesquisadora é também moradora do local onde a pesquisa será desenvolvida.

A pesquisa social em contextos de proximidade

Fazer pesquisa, de maneira geral, é uma atividade fundamental das Ciências, com o objetivo de investigar e descobrir a realidade, explanada em uma prática teórica constante na ânsia por definir um processo incompleto e permanente, é “uma atividade de aproximação da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 2004, p.47).

A pesquisa social, de acordo com o posicionamento de Minayo (2004), que também almeja averiguar e desvendar a realidade possui como característica predominante exercer posicionamento explícito diante da realidade, momentos do desenvolvimento e da dinâmica social, ansiedades e interesses de classes e de grupos determinados; preocupa-se com dificuldades e problemas das ciências sociais no que diz respeito à sua relativa juventude em demarcar técnicas e leis específicas. Ou seja,

[...] Pesquisa social não pode ser definida de forma estática ou estanque. Ela precisa ser conceituada historicamente e entendendo-se todas as injunções, contradições e conflitos que configuram seu caminho. Por sua vez, seu âmbito de ação precisa sair dos marcos da unidisciplina e do academicismo. [...] a realidade a ser abordada se apresenta sempre como uma totalidade que envolve diferentes áreas de conhecimento e abrange a dinâmica do mundo da vida. (MINAYO, 2004, p.52-53)

A pesquisa social nos permite maior aproximação da realidade social a que pertence o objeto de estudo, essa proximidade é por si só, mais abastada que qualquer tipo de proposição, teoria ou pensamento que possamos ter sobre ela. Apenas pensar ou imaginar uma realidade social nos deixa tentado a dividir, separar, criar categorias, fazer distinções sobre aquilo que nos é apresentado. A investigação social faz com que consideremos o nosso sujeito de pesquisa exatamente o que ele vem a ser: um ser humano, de determinada condição social, parte de algum grupo ou classe social que vem preenchido de suas crenças, valores e significados. Fazer pesquisa social deixa-nos cada vez mais convencidos de que é preciso considerar que o objeto das ciências sociais como um todo é intrincado, contraditório, imperfeito e em constante transformação (Idem, p.23-24).

Fazer parte do mesmo contexto social que o objeto de pesquisa não implica necessariamente em falta de imparcialidade e/ou neutralidade, mas faz com que nos tornemos parte de nossa própria observação, conforme Lévi-Strauss (1975) citado por

Minayo (2004, p.41): “Numa ciência onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador é, ele mesmo, uma parte de sua observação”.

Os membros da gangue que atua em Espera Feliz, seus familiares e eu fazemos parte do mesmo cenário, todos compomos a paisagem do lugar, assim como as crianças que brincam na praça, o verdureiro que passa todos os dias vendendo suas verduras, os transportes escolares que levam e trazem as crianças da escola. Nossos encontros são naturais e inevitáveis, e o entrelaçar de nossos caminhos no dia a dia, nos proporciona certa familiaridade, nos tornando próximos uns dos outros. Somos atores sociais e mantemos uma relação de boa vizinhança.

A aproximação com o objeto de estudo poderia causar certo mal-entendido no momento em que a relação entre pesquisador e informante é construída, e para evitar que algo nesse sentido aconteça, é preciso estabelecer de maneira clara que ali não está a residente local. É importante explicar para os informantes que o meu papel desempenhado como pesquisadora é diferente do desempenhado como moradora, para que a ponte construída entre os dois universos seja sólida, pautada na transparência e honestidade, sem deixar de ter em mente a necessidade de um distanciamento entre pesquisador e sujeito pesquisado.

Tenho plena consciência que tal esclarecimento não tem o poder de fazer o aspecto romântico do trabalho de campo desaparecer. Tomo aqui os aspectos do trabalho de campo como os usados por Da Matta,³ e me refiro a situações que vivenciei, como uma amiga que empresta o ombro para que uma viúva ou uma mãe pudessem desabafar, ajudei em tarefas corriqueiras da casa enquanto conversamos sobre o tema, auxiliei filhos pequenos com lições de casa quando fazia uma entrevista sem deixar, contudo, que tais momentos influenciassem ou venham a influenciar em ponderações e conclusões.

Nesse momento é importante ter consciência de que a minha presença deve ter justificativa, se vamos fazer uma entrevista, devo me posicionar como pesquisadora, tendo em mente que por maior que seja a inserção no campo, o pesquisador jamais vai ocupar o lugar de um nativo, pois “sua transformação em nativo não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a curiosidade quando não a desconfiança” (VALLADARES, 2007, p.153).

³ Em “O ofício do etnólogo ou como ter ‘antropological blues’”, in *Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1978*.

A neutralidade esperada de um pesquisador de campo é mais problemática quando ele é parte da rotina da comunidade estudada. Assim, no contexto da pesquisa, o observador deve assumir uma roupagem distinta daquela de morador da área, ainda que essa mudança de roupa não seja plenamente perceptível aos interlocutores. No entanto, ela se faz necessária para que a distância mínima seja estabelecida.

Uma das mais tradicionais premissas das Ciências Sociais é a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. (VELHO, [1987] 2012, p.122)

No entanto, como realizar essa mudança de moradora para pesquisadora e, depois, de pesquisadora para moradora? Será que a clareza de mudança de papéis que orienta a trajetória do estudo para o pesquisador também é evidente para os indivíduos pesquisados?

Residir no local onde a pesquisa é desenvolvida obriga-me a fazer um exercício constante de estranhar o familiar transformando-o em exótico. Os familiares dos membros da gangue e eu estamos familiarizados um com a presença do outro, pois compartilhamos o mesmo território. Mas, compartilhar do mesmo espaço físico, não implica necessariamente na existência de um conhecimento profundo a respeito de suas vidas, suas crenças, seus valores e seus hábitos. Ou seja, “falar-se a mesma língua não só não exclui que existam grandes diferenças no vocabulário, mas que significados e interpretações diferentes podem ser dados a palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas” (VELHO [1987] 2012, p.125).

O praticar dessa atividade de estranhamento terá como resultado a condução a um encontro com o outro e a desnaturalização do que é familiar, uma vez que, para que haja descoberta é de fundamental importância que haja também relacionamento.

Dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcende-lo e poder “pôr-se no lugar do outro”. (VELHO, [1987] 2012, p.127)

Esse aprendizado de estranhamento foi muito bem explorado e trabalhado por Da Matta (1978), obra em que o autor afirma que a experiência do trabalho de campo torna-

se possível no momento em que o pesquisador se dispõe a tomar posse da vestimenta de etnólogo e entrar, sem reservas, no mundo do objeto estudado.

No meu caso, me propus a fazer o máximo para me despir por completo da vestimenta de moradora local para poder, como pesquisadora, estranhar as regras sociais que me eram familiares e assim descobrir ou recolocar o exótico no que está petrificado dentro de mim pela reificação e pelos mecanismos de legitimação de nossa sociedade.⁴

Quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta), e a marginalidade se alimenta de um sentimento de segregação e a segregação implica em estar só e tudo desemboca - para comutar rapidamente essa longa cadeia - na liminaridade e no estranhamento. De tal modo que vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exóticos. E em ambos os casos é necessário a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los. (DA MATTA, 1978, p.4)

Ao observar o familiar, faz-se necessário também forçar um desligamento emocional da parte do pesquisador, pois tudo o que se sabe sobre aquela realidade social foi apreendido por meio do costume, já que as regras do cotidiano são absorvidas através da coerção socializadora e, assim, são concebidas como naturais.

A emoção se apresenta em meio ao trabalho de campo como um intruso, e tudo indica que a manifestação da subjetividade dentro da rotina intelectualizada da pesquisa qualitativa é também um dado sistemático da situação. Para tornar possível a concepção do conhecimento da vida social é preciso que haja um grau de subjetividade, mas esta tem um caráter aproximativo e não definitivo. Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, (principalmente em um cenário onde tudo se apresenta aparentemente como ‘conhecido’) de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado aponta-nos um caminho no qual é possível observar e estudar o familiar sem resultados imparciais ou enviesados (VELHO [1987] 2012).

Não obstante, Da Matta (1978) nos alerta sobre um ponto crucial que também deve ser observado com atenção no desenrolar do processo de interação e relacionamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo: é preciso levar em consideração que assim

⁴ Reificação e Legitimação no mesmo sentido usado por Berger e Lukman em *A Construção Social da Realidade* (Petrópolis: Vozes, 2004).

como o pesquisador ‘nativo’ faz um enorme esforço para se orientar em direção ao grupo estudado de maneira a se identificar com ele, existe, do mesmo modo, em meio ao processo um esforço feito por parte do sujeito de estudo em se identificar com o sistema que o pesquisador carrega consigo. No momento em que são executadas as técnicas e estratégias de pesquisa, para recrutar possíveis informantes – por meio de empatia, simpatia, afeição, dinheiro, presentes dentre outros – para que se abra com ele de forma que lhe exponham segredos, rompam com lealdade, forneçam-lhe lampejos novos sobre a cultura e a sociedade em estudo, já se contamina a suposta neutralidade da pesquisa científica. Em suma, para que haja descoberta é de fundamental importância que haja também relacionamento; a concretização da pesquisa social só existirá quando houver um nativo transformado em informante e só haverá dados quando existir um processo de empatia correndo lado a lado (DA MATTA, 1978).

Realizar uma pesquisa em um lugar onde se está inserido nos oferece determinadas vantagens, principalmente no que diz respeito à possibilidade de rever e enriquecer os resultados, o que pode ser otimizado justamente pela proximidade com o objeto. Afinal, esta é toda a ideia da observação participante: aquela em que o pesquisador não apenas participa, mas é também parte do contexto observado.

Assim, uma das principais características da observação participante é saber ouvir e falar, principalmente falar, pois uma fala fora de contexto ou com duplo sentido pode gerar grandes prejuízos para o observador “fui muito cuidadosa para nunca perguntar além do que as conversas permitiam e não fazer comentários que dessem margem a segundas interpretações” (GRILLO, 2012, p.22).

Muitas vezes em conversas informais surgem dados inesperados que preenchem lacunas de entrevistas realizadas há muito tempo, informações começam a chegar ao pesquisador sem que ele precise forçar.

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa. As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias, devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los (VALLADRES, 2007, p.153).

A observação participante é um método que prevê a participação do observador/pesquisador no contexto em análise realizada pelo estabelecimento de uma “intimidade” entre o pesquisador e os sujeitos (MALFITANO, 2011) em contextos de

realidades delicadas. A observação participante se torna a melhor forma de apreensão da realidade que se investiga, pois pode aproximar de maneira significativa, o pesquisador do objeto de estudo.

Acreditava, e continuo a acreditar, que qualquer grupo de pessoas - prisioneiros, primitivos, pilotos ou pacientes - desenvolve urna vida própria que se torna significativa, razoável, e normal, desde que você se aproxime dela, e que urna boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se a companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos (GOFFMAN, 1974, p.8).

Praticar observação participante implica necessariamente em interação entre o pesquisador e seu objeto de estudo e as informações coletadas. As respostas obtidas para seus questionamentos vão depender de sua conduta e das relações que foram desenvolvidas com o grupo escolhido para seu estudo.

Como Gilberto Velho (2012), acredito que por maior que seja a proximidade entre o pesquisador e objeto de estudo, mesmo que um faça parte do cotidiano um do outro, é possível ultrapassar, em alguns momentos, as limitações de origem do pesquisador e chegar a ver o familiar não fundamentalmente como excêntrico, mas como uma realidade bem mais intrincada do que aquela concebida pelas categorias e estereótipos estabelecidos através do modo como fomos socializados. O processo de tornar o familiar um incômodo torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, díspares versões e explicações existentes a respeito de fatos e situações.

Nesse momento, nos é possível, assim como descrito por Minayo (2004), pintar um quadro da realidade que nos propomos a estudar imprimindo nessa tela não só aquilo que apreendemos de tal contexto social, mas nos colocamos ali como parte da pintura.

O que se pode ter dos fenômenos sociais é menos um retrato e mais uma pintura. Isto é, seria impossível se descrever com tal fidedignidade a realidade que ela se tornasse transparente. Um retrato fixa a imagem e o momento, mas não é dinâmico. A metáfora da pintura nos inspira a ideia de uma projeção em que a realidade é captada com cores e matizes particulares, os objetos e as pessoas são reinterpretados, e criados num processo de produção artística. Ninguém diz que uma pintura é o retrato da realidade. É uma dentre muitas possíveis imagens onde o autor introduz métodos e técnicas, mas onde predomina sua visão sobre o real e sobre o impacto que lhe causa. Nessa obra entra tanto o que é visível como as emoções e tudo se une para projetar a visão da realidade. (MINAYO, 2004, p.35)

Observar o familiar sugere que observemos a nós mesmos, de modo que estamos deixando de analisar apenas questões que abarcam um nível macro para ter como foco o

nível micro, o que é cada vez mais objeto relevante de investigação para sociólogos preocupados em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas (VELHO, [1987] 2012).

De moradora a pesquisadora

Abastecida de teoria, surge o momento de ir para a atividade prática e fazer a imersão no campo, na tentativa de descobrir os efeitos da morte violenta sobre a sociabilidade de Espera Feliz. Eis, então, que surge o meu campo: uma morte. Tal momento não tinha sido planejado. Essa experiência foi advinda de um evento traumático para Carmélia, uma jovem que acabara de perder o seu marido de maneira violenta, situação na qual ela foi testemunha do fato.

Logo ao saber da notícia do assassinato surgiram os primeiros questionamentos “O que fazer? Vou até a casa dela? O que dizer?” Nesse instante toda a teoria escorreu em meio aos meus dedos, é como se eu quisesse segurar água em minhas mãos. Após o primeiro impacto a realidade me foi colocada em uma bandeja, coube a mim decidir o que fazer com ela.

O pesquisador não sabe de antemão onde está “aterrissando”, caindo geralmente de “paraquedas” no território a ser pesquisado. Não é esperado pelo grupo, desconhecendo muitas vezes as teias de relações que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local. Equivoca-se ao pressupor que dispõe do controle da situação (VALLADARES, 2007, p.153).

Particpei de todas as etapas do luto junto a jovem e um estreitamento em nossa relação foi inevitável, o que fez com que houvesse maior aproximação com os demais familiares que haviam perdido mais um jovem para o tráfico de drogas. Nos tornamos muito próximos, e passei a receber convites para participar de momentos de família como chá de fraldas e aniversários dos filhos da viúva, a mãe que sepultou o filho passou a me convidar para entrar em sua casa e juntas tomarmos um café da tarde. Quando percebi estava sendo tratada como parte da família.

Na prática, não é tarefa fácil fazer esse distanciamento do que nos é familiar. Contudo, não é algo que se apresente como tarefa impossível, o que precisa ser feito é um exercício diário no qual o pesquisador se força a analisar e investigar aquilo que se apresenta familiar como algo totalmente novo.

Estar cada vez mais próxima da família fez com que o movimento de me despir da vestimenta de moradora tomando posse das vestimentas de pesquisadora fosse feito com mais atenção, principalmente no que diz respeito a transparência para com os membros da família. Era preciso deixar bem claro quando estava ali como uma amiga e quando estava ali por causa da minha dissertação de mestrado.

A viúva de Tício já estava acostumada com minha presença em sua casa como uma pesquisadora, pois antes de seu marido falecer, tive várias oportunidades de entrevista-lo e ela sempre estava presente. O que facilitou muito nossas conversas futuras.

Após a perda, minha presença em sua casa era constante, sendo que eu ia em sua casa pelo menos duas vezes por semana e estávamos sempre nos falando por telefone. Mas sempre que ela tocava no assunto das circunstâncias da morte de seu marido e de como estava agora, era necessário fazer o exercício de me concentrar e ouvir o que era dito não como uma amiga, mas como pesquisadora.

Mas como me conter diante do sofrimento alheio, quando conversávamos, eu via uma mulher que perdera seu marido e que ficou com os filhos ainda pequenos, duas meninas e um menino de seis, três e dois anos de idade, para cuidar sozinha. Em muitos momentos me coloquei em seu lugar e apesar de conter as lágrimas, sentia um pouco daquela dor e sofrimento.

A morte de Tício provocou muitos efeitos no cotidiano de Carmélia, mas o mais evidente foi de natureza financeira, pois segundo ela, seu companheiro não permitia que ela trabalhasse e exigia que ela ficasse apenas por conta da organização da casa e do cuidado com as crianças. Ele era responsável por prover o sustento da casa, e sua renda tinha origem no tráfico de drogas. Muitas vezes pensei em dar alguma quantia em dinheiro para ela comprar alguma coisa para as crianças, mas essa ideia logo saía de cena quando imaginava que tal atitude poderia ofendê-la de alguma maneira, mas inúmeras vezes disse que se ela precisasse de alguma coisa poderia me procurar, o que nunca aconteceu. Coloquei-me a disposição para ajudá-la no fosse necessário.

Nas noites que sucederam a morte de Tício, Carmélia disse que tinha muita dificuldade para dormir, e só conseguia cochilar um pouco quando os filhos se deitavam junto com ela. Durante algum tempo, ficou fazendo os pratos preferidos de seu falecido marido e sempre me contava como ele comia com satisfação as coisas que ela cozinhava.

O seu cotidiano foi alterado de forma significativa, uma vez que dependia de seu companheiro para fazer a maioria das coisas, como fazer compras, levar as crianças para a escola e até mesmo visitar a sua mãe.

Logo que ela sepultou o seu marido, ela resolveu começar a frequentar uma igreja próxima de sua casa, e segundo ela, era onde ela se sentia mais amparada, pois apesar de continuar morando no lote de sua sogra, o relacionamento entre as duas nunca foi dos mais amigáveis, era comum as duas não estarem se falando, a sua rede de apoio social era pequena, tinha sua mãe pouco presente, e algumas poucas amigas que de vez em quando iam até sua casa para saber como ela estava e quando ela estava indo a igreja os membros da congregação buscavam estar próximos para ajudar nesse momento, o que não durou muito, pois Carmélia frequentou a igreja local apenas no período de um mês após a perda.

Hoje, dez meses se passaram, Carmélia não conversa com sua sogra, não está trabalhando e depende do favor de sua mãe e de seu sogro para sustentar as crianças e a si mesma. De acordo com seus relatos, ela sonha constantemente com Tício e disse que para sofrer menos prefere pensar que ele está em uma viagem e que um dia eles vão se encontrar, para seu filho mais novo, hoje com três anos de idade, ela diz que “o seu pai virou uma estrelinha e que ele está lá no céu cuidando de cada um de nós”.

De pesquisadora a moradora

Observar a rotina de pessoas que perderam os seus entes queridos e fazer uma análise de como suas vidas foram transformadas após tal evento fez com que muitas vezes eu fosse sempre uma pesquisadora, mesmo quando nada do que acontecia fosse digno de análise, percebi que era preciso fazer um exercício inverso muitas das vezes.

Sempre pensava se não estava extrapolando os limites do papel de pesquisadora e fazendo uma confusão na cabeça de Carmélia, hora ela tinha uma amiga, hora estava diante de uma pesquisadora que queria saber detalhes sobre seu esforço e suas estratégias para superar a perda de seu marido.

Quando me colocava à disposição para ajudar seus filhos com atividades da escola, ou quando estava tomando um café com sua sogra – situações que fizeram com que Carmélia ficasse um pouco enciumada – ou simplesmente quando a ajudava com

afazeres domésticos (pouquíssimas ocorrências eu confesso) comecei a deixar que os dados se apresentassem a mim, sem ter que forçar qualquer tipo situação.

Durante certo tempo, pensava que a convivência tão de perto com Carmélia poderia ser algo que viria a prejudicar em algum momento meu trabalho de campo bem como a coleta de alguns dados, mas assim como Grillo (2013), percebi que essa troca é também um momento no qual uma relação de confiança – algo essencial para se fazer observação participante – é estabelecida tendo como alicerce o respeito aos indivíduos e grupos pesquisados.

Eu não era apenas convidada para os aniversários de criança, como também cheguei a preparar eu mesma o bolo, os brigadeiros ou o cachorro-quente, o que tinha mais valor do que se eu os tivesse comprado. Sempre que pude retribuir a receptividade das pessoas, o fiz sem hesitar, como levando crianças doentes ou acidentadas ao hospital em meu carro, dando carona em saída de supermercado, formulando e imprimindo currículos para quem procurava emprego ou oferecendo um ombro amigo para que chorassem mágoas de amor (GRILLO, 2013, p.23-24).

Estabelecer uma relação de transparência com objeto de estudo é fundamental para que assim como ofertamos honestidade aos nossos informantes possamos receber na mesma medida, honestidade, transparência e confiança de cada um que se prontificou a participar do estudo que nos propomos a fazer.

A prática da observação participante em contexto de proximidade e o caso de Alice Goffman

Alice Goffman é filha do falecido sociólogo Eving Goffman e assim como o pai também é socióloga, graduada pela Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos. No segundo ano de graduação Alice começou a dar aulas para uma jovem do ensino médio que morava em um bairro afro-americano próximo a universidade, depois de um tempo, o primo dessa jovem saiu de um centro de detenção juvenil, na época o rapaz tinha 15 anos de idade e havia acabado de ingressar no ensino médio.

À medida que foi conhecendo a história da família desse jovem, bem como seus amigos, ela teve o interesse em fazer o trabalho de conclusão de curso sobre a vida do rapaz, que aceitou participar da pesquisa que se tornou uma dissertação na Universidade de Princeton e no ano de 2014 um livro *On the Run: Fugitive Life in an American City*.

O lançamento do livro trouxe consigo grandes polêmicas no que diz respeito aos limites e éticas do sociólogo ao fazer o uso das técnicas da metodologia qualitativa

principalmente da observação participante em contextos de proximidade, uma vez que a autora no final do segundo ano de graduação se mudou para o mesmo bairro desse jovem onde passou os seis anos seguintes.

Alice Goffman expõe no livro inúmeras situações que levantaram severas críticas no que diz respeito a sua conduta como pesquisadora em campo, tomarei aqui o caso mais polêmico, ocasião na qual ela usou o seu carro, se colocando como motorista para que um amigo pudesse vingar a morte de um membro da gangue que havia sido assassinado.

Nesse episódio, ela descreve o fato como estando dirigindo o carro com o seu amigo Mike procurando pelo homem que havia assassinado seu amigo Chuck. Alice diz que Mike está sentado ao seu lado com a arma enfiada nas calças, quando eles passam próximo a um restaurante onde Mike pensa ter avistado o assassino. Então, Alice para o carro e Mike vai para um beco escuro esperando pelo rapaz, ao perceber que não é o jovem que eles procuravam, eles voltam para casa. A autora expõe no livro expressões como: “eu entrei no carro porque queria que o assassino de Chuck fosse morto” indicando envolvimento emocional com o objeto de estudo⁵.

Alguns críticos como Steven Lubet chegaram a duvidar da validade dos dados da etnografia de Alice Goffman, chamando os seus relatos de “exagerados e fantasiosos” e indo mais longe dizendo que “eu não estou muito certo se o livro é verdadeiro⁶”.

Entretanto, assim como críticas severas, o livro recebeu também elogios sólidos como “extraordinário”, “um feito notável de relatar com um nível surpreendente de detalhes e honestidade”, de vários sociólogos que defenderam o posicionamento da autora. Jack Katz, professor de sociologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles disse “Na maioria das vezes, as pessoas que fazem pesquisa sobre drogas, crimes e polícia não denunciam os incidentes que podem potencialmente comprometê-los”; Tim

⁵ Para maiores informações ler SCHUESSLER, Jennifer. Alice Goffman's Heralded Book on Crime Is Disputed. The New York Times, New York, 06 jun. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/06/06/books/alice-goffmans-heralded-book-on-crime-disputed.html?_r=0>. Acesso em 15 set. 2015.

⁶ Para maiores informações ler LUBET, Sateven. Ethics On The Run. The New Rambler, Chicago, 2015. Disponível em: <<http://newramblerreview.com/book-reviews/law/ethics-on-the-run>>. Acesso em 15 set. 2015.

Newburn, criminologista categoriza o livro como sendo “gloriosamente legível” e “sociologia no seu melhor”⁷.

O posicionamento de Alice Goffman em muitas ocasiões se mostrou para alguns como inadequado e antiético, mas a autora foi extremamente honesta em expor em seu livro momentos que podem ser considerados como falha em campo, o que não é em sua totalidade ruim, os erros servem como aprendizado, não só para o pesquisador que os cometeu, mas para os demais que pretendem investigar temas que venham fazer o uso do mesmo tipo de ferramenta, para Valladares (2007, p.153) “o pesquisador aprende com os erros que comete durante o trabalho de campo e deve tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa”.

Em contextos onde o pesquisador integra o cotidiano pesquisado, o observador deve em todo tempo, diante do grupo analisado, afirmar e reafirmar qual é a sua posição, não enganando em momento algum as pessoas a sua volta e nem a si mesmo. Ficam, no entanto pontos importantes a se pensar diante de toda polêmica que envolveu a socióloga Alice Goffman: Até que ponto é aceitável o envolvimento do pesquisador com o seu objeto de estudo?⁸ No caso descrito, ela se prontificou em participar de um crime em potencial, mas quantas vezes pesquisadores vivem situações eticamente preocupantes e não revela tais situações a mais ninguém?

Polêmicas como a de que se trata o caso de Goffman já foi e continua sendo alvo de grandes estudiosos da área de criminalidade, como Alba Zaluar (2009)

Para alguns pioneiros da disciplina, radicais da aproximação, o trabalho de campo havia sido pensado como mergulho do antropólogo no mundo do outro que ele quer conhecer, o que acaba por diluir as fronteiras e as distinções entre um e outro. Muitos mergulham tanto que o próprio antropólogo se transforma radicalmente em um processo quase de conversão para a cultura estudada, seja ela uma religião, um grupo étnico e, mais recentemente, um grupo criminoso (Rodgers 2007). [...] quando esta postura foi trazida para o estudo de grupos criminosos no contexto urbano contemporâneo, chegou-se aos imponderáveis da vida real de forma trágica. Fazer parte de gangues, pandillas, galeras ou

⁷ Para maiores informações ler SCHUESSLER, Jennifer. Alice Goffman's Heralded Book on Crime Is Disputed. The New York Times, New York, 06 jun. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/06/06/books/alice-goffmans-heralded-book-on-crime-disputed.html?_r=0>. Acesso em 15 set. 2015.

⁸ Para maiores informações ler PARRY, Marc. Conflict Over Sociologist's Narrative Puts Spotlight on Ethnography. The Chronicle of higher Education, Washington, 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://chronicle.com/article/Conflict-Over-Sociologists/230883/>>. Acesso em 15 set. 2015.

quadrilhas, submetendo-se aos seus rituais de iniciação e às exigências de participação em atividades criminosas, colocou os antropólogos-participantes em dilemas éticos insolúveis: para ser aceito por eles e entendê-los, o antropólogo teria que aceitar participar de suas atividades criminosas como parceiro, podendo ser julgado, condenado e preso como qualquer criminoso (ZALUAR, 2009, p.563).

Apesar de a situação que aconteceu com Alice Goffman ter sido excepcional, fica colocado que, pesquisadores que lançam mão da observação participante em contextos de proximidade como ferramenta de coleta de dados, estão sujeitos a vivenciar situações inusitadas, como por exemplo, saber a identidade de quem matou quem, algo que aconteceu comigo, não somente com um mas com vários informantes. A maior parte daqueles que se dispusera a participar de minha dissertação, se sentiram muito à vontade, ao ponto de me fazerem confidências que não foram feitas a mais ninguém, expondo segredos e seus lados mais obscuros, como desejo de vingança por exemplo.

Outro ponto importante que o trabalho de Goffman nos coloca diz respeito à divulgação dos dados coletados e a maneira como esses devem ou não ser divulgados, para a comunidade como um todo.

Em trabalho de campo etnográfico bem-feito deve estar registrado o tratamento dado aos “inimigos”, localmente chamados de “alemães”, dentro de uma favela em alguma cidade brasileira, narrando inclusive as atrocidades cometidas contra eles, assim como a fala dissidente dos vizinhos de traficantes, aterrorizados por eles e pelos policiais violentos. Só desta forma será possível entender a constelação de práticas sociais mais do que violentas, belicosas e cruéis, como parte da construção de uma identidade masculina guerreira, assim como os dois poderes despóticos que tornaram o viver nas favelas tão cheio de perigos e sofrimentos atrozes. Diante deles, ouvindo-os falar sobre esses sofrimentos, o pesquisador não pode se restringir a registrar a cultura diferente dos traficantes ou a dos policiais violentos (ZALUAR, 2009, p. 560).

Se o objetivo de estudar determinado grupo vai além de apenas conhecê-los e guardar em nossas gavetas tudo o que descobrimos sobre aquele grupo, mas de fazer com que outros também conheçam seus hábitos, crenças e costumes. Onde fica a linha que indica o limite do que deve ser ou não divulgado? Preservando a integridade de nosso objeto de estudo, podemos divulgar tudo o que realmente encontramos em campo, bem como todas as situações constrangedoras ou não vividas pelo observador? Podemos realmente ser completamente honestos na divulgação de nossos dados e experiências experimentadas em campo?

Algumas considerações finais

Pesquisas etnográficas em contextos de proximidade abrem possibilidades para longos debates e dilemas nos quais ficam explícitos questionamentos como, por exemplo, quais são os limites éticos da pesquisa de campo, tensões entre a transparência dos dados e a privacidade dos informantes, todas as notas de campo devem ser expostas, bem como a confiabilidade da análise subjetiva do mundo social do grupo estudado feita pelo pesquisador.

No entanto, esses questionamentos podem se apresentar também como uma maneira a nos impulsionar a pensar em como o nosso trabalho está sendo realizado ou ainda como podemos executá-lo da melhor maneira possível, como imersos no campo, podemos promover um trabalho que vai ter maior impacto. Um provável informante precisa se sentir à vontade para poder falar e se expor diante de um estranho, e para que isso aconteça, a relação entre pesquisador e pesquisado precisa ser pautada na confiança, honestidade e transparência de ambas as partes.

Os dados obtidos não são apenas informações gerais como as que podem ser obtidas em pesquisas quantitativas, é um processo de pensamento que envolve ideias, experiências pessoais, posicionamento das pessoas em relação a determinados temas, assuntos pessoais. Os vários depoimentos de Carmélia são prova viva disso, durante nossas conversas ela se abriu de maneira que ficou totalmente exposta diante da pesquisadora que se colocava a sua frente.

Fazendo uma análise de como sua vida era junto com Tício e de como sua vida está hoje, posso afirmar que ela ainda não superou, e nem sei se é possível que isso aconteça, a perda se seu porto seguro (como ela costuma dizer até hoje).

Com o passar do tempo tudo se torna natural, o que antes era difícil de fazer hoje flui sem nenhuma força, continuar na localidade após as observações da rotina dos efeitos da morte violenta na família de Tício tem sido uma experiência enriquecedora, pois me possibilita estar em constante busca por novos dados ainda que de longe, ainda que sem abordar a família.

Contudo, percebo que deixar de ser pesquisadora para se tornar moradora não é tarefa simples, pois a todo tempo surge novos questionamentos e a experiência de manter o posicionamento de pesquisadora deixa o 'faro' aguçado e faz com que em todo tempo novas buscas sejam feitas.

Fica a sensação de que se pode fazer mais e melhor, estar tão próxima do objeto de estudo tem essa desvantagem, pensamos que a proximidade pode servir também como uma porta que está sempre aberta para que possamos voltar e preencher as lacunas que ficaram sem ser preenchidas. O efeito de ter passado pela transformação de moradora para pesquisadora é o de ter dificuldade em voltar a ser moradora diante das pessoas que participaram do estudo, apesar de saber que agora voltamos a ser somente vizinhos, fica sempre a impressão de que ali existem novos dados que podem ser coletados, mas como dito anteriormente deve prevalecer em primeiro lugar o respeito aos indivíduos e grupos pesquisados.

Fica também o aprendizado de que não é só o informante que aprende, já dizia uma professora de minha época de graduação: “um pesquisador nunca sai de uma pesquisa da mesma maneira que entrou”. Depois de passar tanto tempo junto das pessoas envolvidas na pesquisa, onde experiências são trocadas, pois existe uma via de mão dupla entre o observador e o observado, percebi que não temos o poder de fazer grandes mudanças na vida das pessoas, mas podemos durante certo tempo conhecer sua história e fazer parte dela respeitando os limites éticos e morais que devem existir em qualquer tipo de relacionamento.

Referências Bibliográficas

BEATO FILHO, Cláudio Chaves; ZILLI, Luís Felipe. **A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso**. Disponível em <<http://www.crisp.ufmg.br>>. Belo Horizonte, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DA MATTA, Roberto A. **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues**. In Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas**. 2013. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. Aula inaugural. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 211-44, 1975.

LUBET, Sateven. Ethics On The Run. The New Rambler, Chicago, 2015. Disponível em: <<http://newramblerreview.com/book-reviews/law/ethics-on-the-run>>. Acesso em 15 set. 2015.

LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro, Mauad/Faperj, 2011.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio, (org.), **Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Faperj, 2008.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Experiências de pesquisa: entre escolhas metodológicas e percursos individuais. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 314-324, 2011.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.

PARRY, Marc. Conflict Over Sociologist's Narrative Puts Spotlight on Ethnography. The Chronicle of higher Education, Washington, 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://chronicle.com/article/Conflict-Over-Sociologists/230883/>>. Acesso em 15 set. 2015.

ROCHA, Rafael L. S. **Uma análise das relações de rivalidade e pertencimento entre gangues juvenis em Belo Horizonte**. Disponível em <http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/ finais/PAP0623_ed.pdf>. Belo Horizonte, 2012.

SCHUESSLER, Jennifer. Alice Goffman's Heralded Book on Crime Is Disputed. The New York Times, New York, 06 jun. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/06/06/books/alice-goffmans-heralded-book-on-crime-disputed.html?_r=0>. Acesso em 15 set. 2015.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In, Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 2012 [1987].

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, v. 15, n. 2, p. 557-584, 2009.

ZILLI, Luís Felipe. **Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.